

CORREIO BRAZILIENSE

Patrocínio:

 **CORREIOS**
100% BRASIL

100 ANOS DE JK

BRASÍLIA, QUARTA-FEIRA, 17 DE ABRIL DE 2002

1º CADERNO

ELE E NÓS

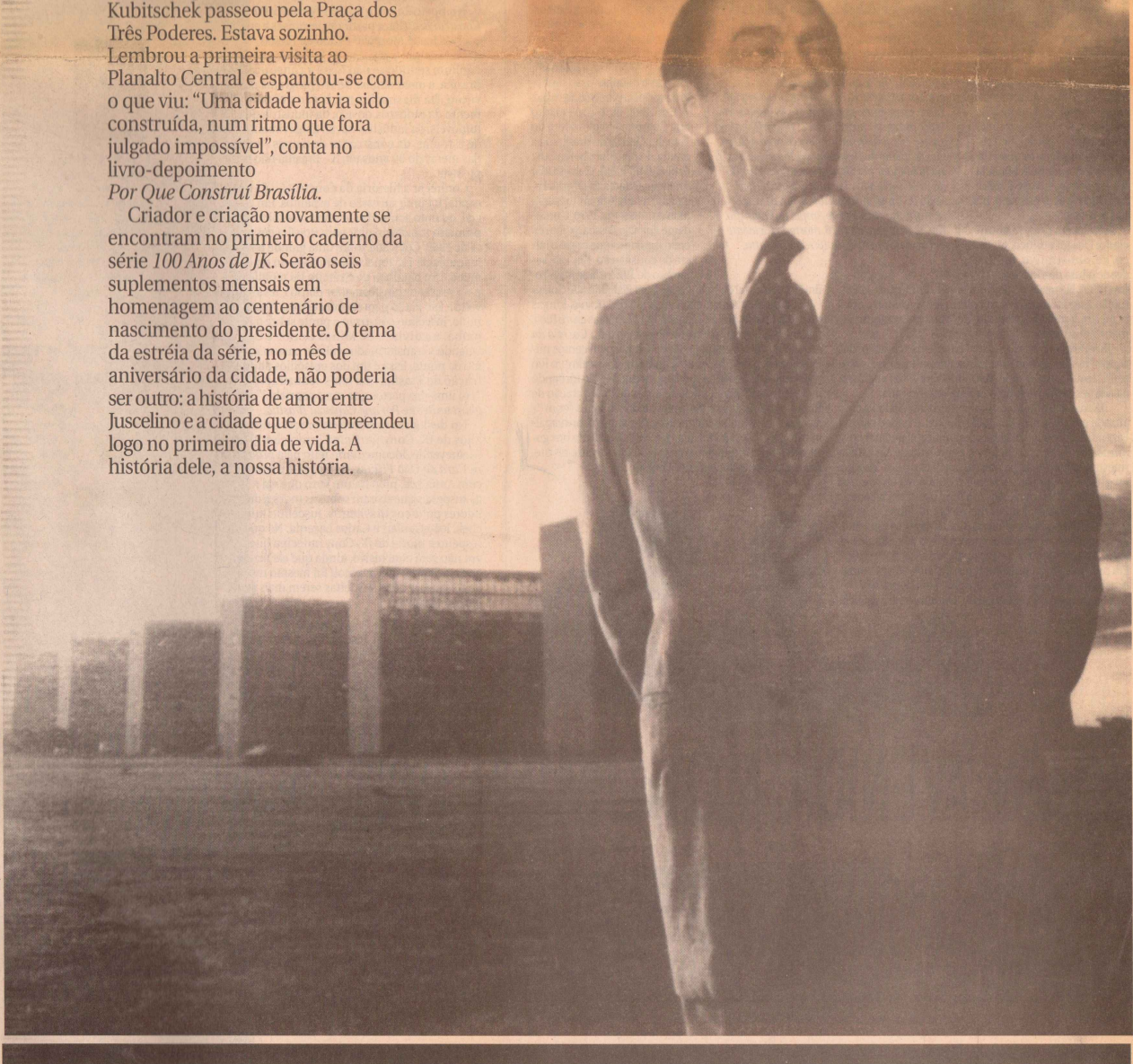
No dia seguinte à inauguração de Brasília, o presidente Juscelino Kubitschek passeou pela Praça dos Três Poderes. Estava sozinho. Lembrou a primeira visita ao Planalto Central e espantou-se com o que viu: "Uma cidade havia sido



Kubitschek passeou pela Praça dos Três Poderes. Estava sozinho. Lembrou a primeira visita ao Planalto Central e espantou-se com o que viu: "Uma cidade havia sido construída, num ritmo que fora julgado impossível", conta no livro-depoimento

Por Que Construí Brasília.

Criador e criação novamente se encontram no primeiro caderno da série *100 Anos de JK*. Serão seis suplementos mensais em homenagem ao centenário de nascimento do presidente. O tema da estréia da série, no mês de aniversário da cidade, não poderia ser outro: a história de amor entre Juscelino e a cidade que o surpreendeu logo no primeiro dia de vida. A história dele, a nossa história.



ELE E NÓS

Obstinado e messiânico, mas ao mesmo tempo democrático e sentimental, Juscelino tomou para si uma idéia secular: a criação da nova capital do país

O dono do sonho

TT Catalão
Da equipe do Correio

Paixão que se explica perde o encanto. Magia sem surpresa é engano. JK era só um homem. Não era JC para ganhar altares ou veneração sem críticas. Mas o homem JK possuía uma tempera incomum para o padrão de político brasileiro. Conseguia ser democrático entre riscos impulsivos e astúcias metódicas. Bailava. Talvez a firmeza das montanhas de Pelé, Garrincha, Vavá e Nilton Santos na Suécia, da região; aparentemente imutáveis, se abertas as entranhas, revelavam riquezas.

JK estava uma usina de sentimentos no dia 29 de junho de 1958. No Brasília Palace Hotel, ele colocava a mão no rosto para melhor se concentrar na tosca transmissão das jogadas de Pelé, Garrincha, Vavá e Nilton Santos na Suécia. Do rádio de pilha com a voz imprecisa do *speaker* só se ouvia mesmo: *gool*. E foram cinco. E o país perdia o complexo de vira-latas (no saque de Nelson Rodrigues) ante o mundo. Quem diria. JK estava em Brasília para uma solenidade no Palácio da Alvorada. A obra-prima que teve seu primeiro esboço recusado e devolvido à prancheta de Niemeyer até voltar com a forma absoluta de um poema em concerto concreto. Beleza com função estrutural. Resumo de Brasília.

A força mobilizadora de JK veio de um conjunto: o pragmatismo da ocupação territorial; expansão de núcleos econômicos; novos canais políticos para forças equidistantes menos dependentes das gestões "café-com-leite"; RO-SF, que revezavam no poder; e abertura cultural ao sertão e a excepcional personalidade de

de alguns deputados opositoristas. Só votaram a favor porque 'Brasília seria meu túmulo político'. Pode-se imaginar a emoção do primeiro concreto virado, em 24 de outubro de 1956, para erguer o Catetinho. Requite foi a chuva de granizo, com gelo para o úsque dos convivas.

Como todas as sagas, um marco pode usar a referência no dia chuvoso de 4 de abril de 1955. Comício de Jataf-GO. Ainda candidato à Presidência, JK responde a legendaria pergunta de Antônio Soares Neto (nascido em 1925), o Toniquinho. Se eleito mudaria a capital. Três meses depois de eleito assina a mensagem, 18 de abril de 1956, ao Congresso em um boteco no aeroporto de Anápolis. Criava a Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil (Novacap) e o nome Brasília. Câmara e Senado aprovam o projeto, por unanimidade. Sancionada a Lei 2.874, de 19 de setembro. No mesmo dia, é lançado o Concurso do Plano Piloto. Cumpria a Constituição (constava nas Cartas de 1891, 1934 e 1946). JK elege a construção da capital meta-síntese.

Um percurso de coincidências, acidentes históricos, traições, desvios e belos exemplos de caráter e luta só encontraria plenitude na inauguração de Brasília. O *Correio Braziliense* de 1813, 1818 e 1822 publica artigos de Hipólito

José da Costa em defesa da transferência da capital. José Bonifácio de Andrada e Silva (1763/1838), em 9 de outubro de 1821, sugere a criação de uma "cidade central no interior do Brasil". JK teria uma longa lista de justificativas e argumentações racionais, mas a extraordinária contribuição viria de um 30 de agosto de 1883, o padre italiano Dom Bosco (1815/1888), canonizado em 1934, tem o sonho-visão símbolo da epopéia para a construção. Em 1892, Florianópolis

O espanto do amigo Cony

Conceição Freitas
Da equipe do Correio

O escritor Carlos Heitor Cony é capaz de contar toda a história da construção de Brasília com minúcias de pioneiro, mesmo sem o ser. Isso porque, em meados de 1968, foi chamado por Adolph Bloch para organizar as memórias de Juscelino Kubitschek. Mas o tempo negro não permitiu que as obras fossem publicadas. Decidiu-se então produzir o autobiográfico *Por que Construí Brasília* e nele incluir a biografia do presidente proscrito pelo regime militar.

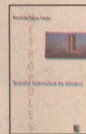
Foram sete anos de relacionamento intenso e frutífero, de 1969 a 1976, ano da morte de JK. "Fui uma das pessoas mais próximas dele e ele de mim", lembra Cony que, por conta disso, dedica-se a dois projetos sobre Juscelino, um documentário e um livro, o primeiro junto com o arquiteto Oscar Niemeyer e o segundo com a escritora Anna Lee.

No período em que deu forma à *Por que Construí Brasília*, a partir de pesquisas e anotações de Josué Montello e Caio de Freitas, Cony descobriu que o governo de Juscelino não teria nenhum sentido se não fosse a construção de Brasília, a meta-síntese de seu programa de governo. Da mesma forma, sem o desenvolvimento da indústria do aço, da indústria de au-

PARA SABER MAIS

Quatro livros que podem ser facilmente encontrados nas livrarias da cidade ajudam a desenharem o perfil do presidente Juscelino Kubitschek, o período vigoroso em que viveu e a construção de Brasília.

BRÁSILIA KUBITSCHEK DE OLIVEIRA



Ronaldo Costa Couto, Record, 399 páginas — Com canchão de dourado em história pela Universidade de Sorbonne,

Costa Couto recolhe depoimentos inéditos na memória já escrita sobre a construção de Brasília. Em alguns momentos, o autor deixa-se levar pelo sentimentalismo e abre mão do lugar de historiador.

HISTÓRIA DE BRÁSILIA



Ernesto Silva, Câmara de Dirigentes Lojistas, 391 páginas — Leitura básica

nal; expansão de núcleos econômicos; novos canais políticos para forças equidistantes menos dependentes das gestões "café-com-leite". Rio-SP que revezavam no poder; abertura cultural ao sertão e a excepcional personalidade do único JK. Fora do racional insere-se o JK messiânico capaz de acender um povo inteiro para mostrar a eficácia de um combustível cidadão: se todos decidem não há quem impeça.

Brasília era projeto anunciado. Desejo político, técnico, administrativo, militar desde a luta dos Inconfidentes (1789). Há razões lógicas em JK para cumprir a Constituição e assim transferir a capital. Convive em JK, também, a magnífica e santa dose de loucura ao assumir tanta manha obstinação.

JK foi feliz ao descrever como "ermo" e não como "nada", aquele "horizonte baixo, rasgado, como se engolisse todo o céu". "Inaugurava" o rudo "aeroporto Vera Cruz" aberto na picada por Sayão, onde hoje está a Rodoferroviária.

JK, nesse primeiro caminho de 1956 (visitou a cruz afixada em 1955, próxima ao Memorial, e bebeu café na Fazenda do Gama). Pesava o descrédito. O general Lott, ministro da Guerra, chegou a perguntar se ele estava "mesmo" convicto. JK balançava mas lançou um "choque no grupo": "Brasília será construída em 3 anos e dez meses". Diz a Lott que passará a faixa presidencial ao sucessor, em Brasília. Mais tarde, em plena febre da construção do Plano Piloto de Lucio Costa, 1959, se aproxima de candangos que jogavam conversa fora ao redor de um fogo: "Preparo essa noiva (Brasília) para casar com outro". Era provocação. Os trabalhadores, íntimos dessas visitas, quase em coro responderam: "Brasília sempre será sua".

A barra contrária era imensa: "Compreendi a malícia

Formou-se em Medicina em 1927. Em 1933, é nomeado secretário de governo de Minas Gerais. É eleito deputado federal em 1934 e nomeado prefeito de Belo Horizonte em 1940. Cinco anos depois, torna-se deputado federal. Em 1950, é eleito governador de Minas. Em abril de 1955, inicia campanha presidencial. Toma posse como presidente da República em 1956. Inaugura Brasília em 21 de abril de 1960 e, em 31 de janeiro de janeiro, entrega o cargo de presidente da República a Jânio Quadros. É eleito senador por Goiás e cassado em junho de 1964. É exilado e vai morar no exterior. Volta ao Brasil em abril de 1967 e, no ano seguinte, funda a Frente Ampla de Oposição. Em 22 de agosto de 1976, morre em acidente de carro no quilômetro 165 da Via Dutra.

dra Fundamental da Nova Capital, em Planaltina de Goiás.

Como devia martelar na cabeça de JK, nas longas quatro horas de turbulência do avião Douglas entre Rio e o Planalto, trechos de editoriais como o do *Correio da Manhã* de 24 de março de 1957: "Com os setecentos milhões de cruzeiros dados a pirâmide do sr. Juscelino, o Rio resolveria os dramáticos problemas que a estação tomando inspita e inabitável". Meses depois da inauguração de Brasília, começava a Campanha do Retorno (com "recalcadas" constantes, até meados dos anos 70, principalmente de *O Globo*). Brasília, até hoje ameaçada por governos sem o menor vínculo com seu conceito, resiste. Resiste, por que quem a ama e insiste.

No período em que deu forma à *Por que Construí Brasília*, a partir de pesquisas e anotações de Josué Montello e Caio de Freitas, Cony descobriu que o governo de Juscelino não teria nenhum sentido se não fosse a construção de Brasília, a meta-síntese de seu programa de governo. Da mesma forma, sem o desenvolvimento da indústria do aço, da indústria de automóveis, da indústria naval, da pavimentação de estradas, da construção de usinas – outras das metas do 50 anos em 5 – Brasília não seria possível.

Em 1892, Floriano Peixoto cria Comissão Exploradora do Planalto Central do Brasil, sob a chefia do cientista belga Luiz Cruls (1848/1908), para estudar e demarcar a área do Distrito Federal. O relatório final é apresentado em 1894. Em 1920, o presidente Epitácio Pessoa assina decreto legislativo que prevê o início da construção. Em 7 de setembro de 1922, é lançada a Pedra

No período em que deu forma à *Por que Construí Brasília*, a partir de pesquisas e anotações de Josué Montello e Caio de Freitas, Cony descobriu que o governo de Juscelino não teria nenhum sentido se não fosse a construção de Brasília, a meta-síntese de seu programa de governo. Da mesma forma, sem o desenvolvimento da indústria do aço, da indústria de automóveis, da indústria naval, da pavimentação de estradas, da construção de usinas – outras das metas do 50 anos em 5 – Brasília não seria possível.

Conhecer a história da construção da nova capital foi uma sucessão de espantos. Em especial, quando soube da aventura que foi trazer o primeiro transformador para Brasília em agosto de 1959. Colocada sobre uma grande balsa, a máquina de 115 toneladas afundou no rio Paranaíba. Um batalhão do Exército foi mobilizado para retirar o transformador do rio e levá-lo de volta a São Paulo para ser consertado. Nesse período, Juscelino construiu a ponte sobre o Paranaíba, na divisão de Minas Gerais e Goiás. Quando o transformador voltou, passou por cima da ponte. Essa é um dos episódios da construção de Brasília que mais seduziram Cony. "Foi uma das partes que mais caprichei", diz o *ghost writer* de *Por que Construí Brasília*.

No deságua das comemorações dos 100 anos de JK, Cony participa junto com Oscar Niemeyer de documentário feito pela produtora *Cara de Cão Filmes*, de Belo Horizonte. E, com Anna Lee, prepara um livro que vai reunir as suspeitas que pairam sobre as mortes de três líderes políticos brasileiros, Juscelino Kubitschek, João Goulart e Carlos Lacerda. No que diz respeito à morte de JK, Cony antecipa que o livro não será conclusivo, ainda que ele acredite que o acidente que o matou foi mesmo um acidente, apesar de as suspeitas serem mais fortes que as evidências.



JUSCELINO E LUCIO COSTA: PERCURSO DE COINCIDÊNCIAS, ACIDENTES HISTÓRICOS E TRAIÇÕES E EXEMPLOS DE LUTA

DE BRASILIA



Ernesto Silva, Câmara de Dirigentes Lojistas, 391 páginas – Leitura básica para se conhecer a

história da construção da nova capital, foi escrita por quem esteve aqui desde o primeiro momento, antes mesmo de JK. Escrito por um médico, diretor da Novacap à época da construção, o livro reúne anotações de quem tudo testemunhou, sem nenhuma ambição historiográfica.

JK, O ARTISTA DO IMPOSSÍVEL



Claudio Bojunga, Objetiva, 778 páginas – Até agora, a mais completa biografia de Juscelino

Kubitschek. Vai dos ancestrais de JK às suspeitas de que o acidente em que morreu foi criminoso. Exaustiva pesquisa histórica, edição de primeira qualidade, porém decide-se pouco à construção de Brasília.

POR QUE CONSTRUÍ BRASÍLIA



Juscelino Kubitschek, Senado Federal, 468 páginas – Com outros três volumes, compõe a

autobiografia de JK. Obra dessa natureza costuma pecar por excesso de proselitismo político e disso o autor não escapa, mas o faz com elegante economia. Muito bem escrito, relata situações pouco conhecidas sobre a construção de Brasília.

ESPANTO DOS GRANDES



“É UMA FELICIDADE SER JOVEM NESTE PAÍS, PRESIDENTE”

FIDEL CASTRO, PRESIDENTE DE CUBA EM VISITA A BRASÍLIA. 30 DE ABRIL DE 1959.

Arquivo Nacional



ELE E NÓS

Nos três anos e dez meses de construção de Brasília, Juscelino veio 225 vezes à cidade. Trouxe presidentes, rei, rainha, fiscalizou as obras e se divertiu

Poeta da ação

Conceição Freitas
Da equipe do Correio

Toda vez que alguém reclamava da poeira incômoda, do pó vermelho que se incrustava na pele e tingia cabelos, cílios, sobrancelhas, unhas e roupas, Juscelino Kubitschek saía-se com uma tirada: “Essa poeira tem terramicina, é poeira sadia, faz bem pra saúde”. Não se sabe de onde ele tirou isso, mas a brincadeira de meloma o eventual mau humor dos empoeirados. Desse jeito, o “poeta da ação”, como definiu Afonso Arinos, seguia em sua obstinação rumo à nova capital. E levava junto a mulher, as filhas, os amigos das filhas, os seus amigos, os amigos de seus amigos, quem porventura se encantasse com a construção de Brasília, a despeito da poeira vermelha.

Assim foi na Copa do Mundo de 1958. Juscelino aterrissou em Brasília com a família, amigos, auxiliares e jornalistas para ouvir, de um rádio de pilha, a transmissão da final Brasil x Suécia, no hall do Brasília Palace Hotel, que então se chamava Hotel de Turismo. Uma garota de 16 anos estava no grupo dos torcedores. Maria Estela Kubitschek, filha de JK, lembra-se do ressoar da voz do locutor no sertão desabitado. “Era uma coisa fantástica, papai passava pra todos nós a sua empolgação.”

Nos 3 anos e 10 meses de construção, JK veio 225 vezes ao canteiro de obras. É ele mesmo quem conta no *Por que Construí Brasília*: “Como não podia deixar o Rio durante o dia, esperava o fim do expediente para tomar o avião que me levaria ao Planalto. Chegava lá às 10 ou 11 horas da noite. Percorria, então, as obras até às 3 horas da madrugada quando tomava, de novo, o avião”. De início, usava um DC-3, avião que fazia 200 quilômetros por hora. Depois, um Viscount, com o dobro de potência.

“Ele podia estar cansado, mas quando chegava a Brasília, mudava de espírito”, lembra-se o ex-prefeito de Araxá (MG) Olavo Drummond, 76 anos, um dos muitos amigos de Juscelino. Da primeira vez que veio à área

da aridez estava nascendo uma cidade.

O poeta da ação era também marqueteiro de fazer cair o queixo de Nizan Guanaes e Duda Mendonça. De um lado, contaminava os brasileiros — exceto, claro, os udenistas liderados por Carlos Lacerda, e os cariocas, por suas mágoas. De outro, vendia sua idéia para os estrangeiros. De 1956 até final de 1960, praticamente todos os presidentes, reis, ministros de Estado, embaixadores, ditadores e democratas que visitaram o Brasil tiveram de provar da poeira vermelha.

Do presidente dos Estados Unidos, Dwight Eisenhower, ao presidente de Cuba, Fidel Castro, todos vieram banhar-se de terramicina. Primeiro veio Fidel, a 30 abril de 1959. Viu de um helicóptero a cidade em construção, fez mil perguntas, mas não deixou Juscelino falar. “Tentei um diálogo, a fim de atraí-lo para a Operação Pan-Americana, mas não consegui. Fidel Castro não compreende o diálogo. É um homem de monólogo”, escreveu JK mais tarde. Antes de deixar Brasília, Fidel disse: “É uma felicidade ser jovem neste país, Presidente.”

A vinda de Eisenhower a Brasília, um ano mais tarde, foi bem mais agradável. O presidente norte-americano se surpreendeu com tantas obras feitas em tão pouco

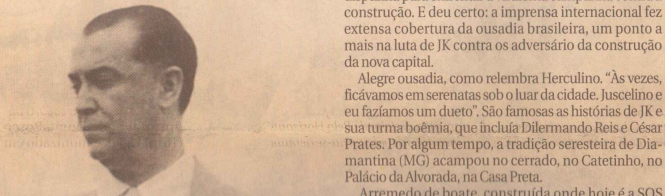
tempo: “Esta cidade excedeu todas as minhas expectativas. É uma inspiração”. E se recusou a assinar qualquer documento ou fazer qualquer despacho administrativo dentro do Palácio da Alvorada. Argumentou que o primeiro ato oficial a ser assinado em Brasília deveria ser feito pelo presidente Juscelino Kubitschek. “Assinarei todos os papéis no avião.”

Ao longo da construção e no seu último ano de governo, JK trouxe a Brasília a rainha Elizabeth, da Inglaterra; o príncipe Mikasa, do Japão; o rei da Etiópia, Haillé Salassié; os presidentes de Portugal, Itália, México, Indonésia e Paraguai, alguns ministros de Estado, entre os quais o ministro da Cultura da França, André Malraux, autor de um dos mais célebres discursos sobre a cidade (foi ele quem chamou Brasília de a capital da Esperança). E o escritor inglês Aldous Huxley, que, mais tarde, enviou telegrama a Juscelino: “Vim diretamente de Ouro Preto para Brasília. Que jornada através do tempo e da História. Uma jornada do ontem para o amanhã, do que terminou para o que vai começar, das velhas realizações para as novas promessas.”

Diplomaticamente obrigados a fazer escala na capital em construção, os ilustres estrangeiros traziam junto a atenção da imprensa de seus países. “Nisso, Juscelino salvou Brasília”, avalia João Herculino, presidente do Ceub e amigo de JK. Era mais uma arma que Juscelino dispunha para enfrentar a virulenta campanha contra a construção. E deu certo: a imprensa internacional fez extensa cobertura da usadia brasileira, um ponto a mais na luta de JK contra os adversários da construção da nova capital.

Alegre usadia, como relembra Herculino. “Às vezes, ficávamos em serenatas sob o luar da cidade, Juscelino e eu fazíamos um dueto”. São famosas as histórias de JK e sua turma boêmia, que incluía Dilermando Reis e César Prates. Por algum tempo, a tradição seresteira de Diamantina (MG) acamou no cerrado, no Catequino, no Palácio da Alvorada, na Casa Preta.

Arremedo de boate, construído onde hoje é a SOS





“ESTA CIDADE EXCEDEU TODAS AS MINHAS EXPECTATIVAS. É UMA INSPIRAÇÃO”

DWIGHT EISENHOWER,
PRESIDENTE DOS ESTADOS
UNIDOS EM VISITA A BRASÍLIA,
23 DE MARÇO DE 1960



“A MAIS AUDACIOSA (CIDADE) JAMAIS CONCEBIDA NO OCIDENTE”

ANDRÉ MALRAUX,
MINISTRO DA CULTURA
DA FRANÇA, 25 DE
AGOSTO DE 1959

horas à noite. Percorria, então, as obras até as 3 horas da madrugada quando tomava, de novo, o avião. De início, usava um DC-3, avião que fazia 200 quilômetros por hora. Depois, um Viscount, com o dobro de potência.

“Ele podia estar cansado, mas quando chegava a Brasília, mudava de espírito”, lembra-se o ex-prefeito de Araxá (MG) Olavo Drummond, 76 anos, um dos muitos amigos de Juscelino. Da primeira vez que veio à área onde seria construída a cidade, no início de 1957, Drummond acompanhou JK e o presidente da Novacap, Israel Pinheiro, por trilhas estreitas que riscavam o cerrado. “Juscelino me levou num jipe para ver o lugar onde seria o palácio do governo e o palácio dos despachos”, que mais tarde se chamariam Alvorada e Planalto. “Eu cá comigo pensava: ‘Isso está parecendo conversa de doido’. Era o assombro do então jornalista Olavo Drummond diante da convicção de JK de que naque-



Alegre ousadia, como relembra Herculino. “As vezes, ficávamos em serenatas sob o luar da cidade, Juscelino e eu fazíamos um dueto”. São famosas as histórias de JK e sua turma boêmia, que incluía Dilermando Reis e César Prates. Por algum tempo, a tradição seresteira de Diamantina (MG) acampou no cerrado, no Catetinho, no Palácio da Alvorada, na Casa Preta.

Arremedo de boate, construída onde hoje é a SQS 309, a Casa Preta assim se chamava porque era um barracão de madeira todo pintado de preto, até o muro. Havia um porteiro que, do lado de dentro, olhava por um buraco no muro e checava se o nome do visitante estava na lista de convidados. Funcionária aposentada do Senado, Eclá Assis Cunha, 76 anos, se lembra de Juscelino chegando à Casa Preta de madrugada. “Todo mundo cantava o *Peixe Vivo*.”

JUSCELINO SABIA QUE OCUPAR O
CERRADO ERA TAREFA DIFÍCIL. POR ISSO
ATRAIU ATENÇÃO DOS ESTRANGEIROS
PARA A SUA EMPREITADA.

Fischer/América





COLEÇÃO ANUAL DE SELOS DOS CORREIOS.

Um presente para pessoas que dão valor à cultura e à história brasileira.
O brinde ideal para empresas que querem se diferenciar.

BRASIL 2000
CORREIOS
FOLHA 1



HISTÓRIA EM QUADRINHOS



 **CORREIOS**

100% BRASIL

ELE E NÓS

Brasilienses de diferentes idades contam histórias de como Juscelino passou por suas vidas. Contatos vão da amizade forte a deslumbramento diante da estátua

Da vida ao mito

Freddy Charlson
Da equipe do Correio

Juscelino Kubitschek de Oliveira está mais vivo do que nunca. JK está vivo na lembrança daqueles que ainda se entristecem ao lembrar da morte – num acidente de carro, em 22 de agosto de 1976 – do homem que inventou Brasília. JK está vivo em fotos, documentos, cartas guardadas com carinho por seus ex-companheiros. JK está vivo nos nomes de lojas, monumentos, aeroporto e ponte. JK está vivo nos Juscelinos nascidos na capital que carregam esse nome em homenagem ao xará famoso. Nesses 42 anos, o ex-presidente deixou de ser um amigo próximo de alguns para virar mito para dois milhões e cinquenta mil habitantes: a população do Distrito Federal. Nas próximas linhas, brasilienses por adoção e nascimento contam a história de seus relacionamentos com o presidente – são depoimentos que vão da forte amizade relatada por pioneiros ao encantamento das crianças com o homem que virou estátua.

JK NÃO ESCREVE MAIS AO CORONEL

O coronel Afonso Heliodoro dos Santos, 86 anos, presidente do Instituto Cultural e Geográfico do DF, guarda em casa fotos onde aparece ao lado do ex-presidente, documentos assinados por Juscelino e até uma carta em que o conterrâneo (mineiro como ele) conta sentir saudades das aventuras ao lado de Heliodoro. Ex-ajudante de ordens de JK, o coronel Heliodoro foi amigo do presidente por 43 anos. "Fomos confidentes", conta. Para Heliodoro, JK foi um amigo presente todos os dias. "Ainda o imagino por aqui." Passados mais de quatro décadas da inauguração de Brasília e 26 anos da morte de JK, poucos, como o coronel, têm lembranças manuscritas do inventor de Brasília.

O PRESIDENTE DE

Carlos Moura



CRIANÇAS SE DESLUMBRAM COM OS FEITOS DO PRESIDENTE E CRIADOR DE BRASÍLIA QUANDO VISITAM O MEMORIAL JK

do o caixão do ex-presidente. Vera não esquece da dor ao ver o corpo baixar à sepultura 35.666 da área especial do Campo da Esperança. Esperou até o caixão baixar. Queria dar o último adeus. "Eu chorei. Todos choraram", conta, quase 26 anos depois. "Não conheço o homem, mas vi nascer a adoração do povo por ele", conta.

JUSCELINO, O BANCÁRIO

a uns poucos. O Memorial JK recebe 80 mil visitantes por ano desde a inauguração, em 12 de setembro de 1981. Gente ávida para preencher a memória com a história daquele que um dia ouviram falar. Gente que não viveu aventuras ao lado de JK, como o coronel Heliodoro. Ou que não serviu o presidente em festas, como o garçom Aluzio. Ou que não foi ao enterro dele, como a cozinheira Vera. Gente que não se chama Juscelino.

Aluno da 3ª série do Colégio Marista, Guilherme Mar-

NOME QUE DÁ LUCRO

MIL E UMA UTILIDADES

A Junta Comercial do Distrito Federal tem registrado em seus arquivos a existência de 26 empresas com o nome JK: JK Móveis, JK Veículos, JK Conservação e Limpeza, JK Serralheria, JK Táxi Aéreo são alguns exemplos.

MUSEU INCLUÍDO

No Hotel Kubitschek Plaza, o deputado Paulo Octávio (PFL) fez da decoração interna um museu sobre JK. São dezenas de fotos e objetos relacionados ao presidente.

LETRAS NO CONCRETO

Em 1999, o Aeroporto Internacional de Brasília virou Aeroporto Internacional Juscelino Kubitschek (foto), graças a projeto de lei do deputado Jofran Frejat (PPB). O governo do Distrito Federal

foi amigo do presidente por 43 anos. "Fomos confitados", conta. Para Heliodoro, JK foi um amigo presente todos os dias. "Ainda o imagino por aqui." Passados mais de quatro décadas da inauguração de Brasília e 26 anos da morte de JK, poucos, como o coronel, têm lembranças manuseáveis do inventor de Brasília.

O PRESIDENTE DE PÉS DESCALÇOS

O gari José Aluizio de Pontes, 66, não foi amigo de JK por 43 anos. Mas serviu o ex-presidente durante três anos — de 1958 a 1960 —, como garçom, no Palácio da Alvorada. Conhecer e trabalhar para JK sempre foi um sonho de Pontes, pernambucano que chegou em Brasília em 1957. "JK era camarada, conversava com a gente na cozinha, provava tira-gostos na panela", lembra. Hoje, Aluizio trabalha como gari, ganha R\$ 247,00. É pai de seis filhos, entre eles, Tancredino Juscelino, homenagem ao ex-patrão. Aluizio lembra que a primeira coisa que JK fazia quando chegava ao Alvorada era tirar os sapatos e andar descalço. "Era simples", conta o gari que desde 1957 coleciona fotografias e reportagens sobre o "presidente de pés descalços".

LEVADO PELO POVO

Mineira de Juiz de Fora, cozinheira Maria Vera Lúcia Guimarães, 59, não conheceu JK pessoalmente, como Heliodoro, nem recebeu JK na cozinha, como Aluizio. Mas JK passou por sua vida, num dia tumultuado, que ela lembra bem. "Ainda sinto a dor da morte dele." Foi chorando que ela fechou o bar na 403 Norte naquele 23 de agosto de 1976. E chorou quando passou pelo cortejo e viu o povo carregan-

ver o corpo baixar à sepultura 35.666 da área especial do Campo da Esperança. Esperou até o caixão baixar. Querida dar o último adeus. "Eu chorei. Todos choraram", conta, quase 26 anos depois. "Não conheci o homem, mas vi nascer a adoração do povo por ele", conta.

JUSCELINO, O BANCÁRIO

Juscelino de Matos Félix, 38, não viu, como Vera, a dor de dona Sarah Kubitschek, suas filhas e das 350 mil pessoas que foram ao aeroporto, Catedral, cortejo e enterro de JK (multidão maior que a que recepcionara, seis anos antes, a seleção do tri no México). Não conheceu JK pessoalmente como o coronel Heliodoro e, muito menos, dividiu tira-gostos com o ex-presidente. Juscelino — brasiliense que recebeu o nome em homenagem a JK, claro — era menino, tinha 13 anos. E ficou em casa, em Taguatinga, vendo o enterro por uma tevê preto-e-branco enquanto os pais, Bento Costa Félix e Maria de Matos Félix, mineiros de Conceição do Mato Dentro, foram ver o conterrâneo pela última vez. Filho de pioneiros que chegaram em Brasília em 1960, Juscelino é bancário. "Gosto de JK e do nome Juscelino. Foi marcante na história do Brasil e de Brasília. Mas não tenho lembrança dele", diz Juscelino, alvo de brincadeiras de colegas no primário, que o chamavam de *presidente*.

O HOMEM QUE VIROU ESTÁTUA

As lembranças, agora, já não pertencem mais

ano desde a inauguração, em 12 de setembro de 1981. Gente ávida para preencher a memória com a história daquele que um dia ouviram falar. Gente que não viveu aventuras ao lado de JK, como o coronel Heliodoro. Ou que não serviu o presidente em festas, como o garçom Aluizio. Ou que não foi ao enterro dele, como a cozinheira Vera. Gente que não se chama Juscelino.

Aluno da 3ª série do Colégio Marista, Guilherme Martins Pereira Chianca, 8, por exemplo, estuda a história de Brasília no colégio. E Juscelino Kubitschek é, claro, personagem real nessa história. Foi o que o menino aprendeu, ao lado de 69 colegas, numa visita na quinta-feira ao Memorial. Mal chegou ao lugar, ele começou a fazer anotações. Curioso, fez perguntas ao guia. E assustou-se, na sala de condorações, com um espadim ganho por JK em visita à Escola da Aeronáutica do Campo dos Afonsos, em setembro de 1959. "Acho que ele era legal", dizia o menino pouco depois de rezar na câmara mortuária. Na oração, pediu para JK fazer de Brasília uma cidade menos violenta e mais arborizada.

Aquela altura do campeonato, o menino parecia tão íntimo de JK quanto o coronel Heliodoro, embora Guilherme só soubesse que Juscelino era mineiro, que era médico, que morreu em um acidente. Ah, e que era casado com dona Sarah. Aliás, nome igual ao do hospital onde sua mãe, Maria Eloá, trabalha. Informações suficientes para se interessar pelo homem que "virou estátua", responsável pela construção da cidade onde Guilherme vive.

Em 1999, o Aeroporto Internacional de Brasília virou Aeroporto Internacional Juscelino Kubitschek (foto), graças a projeto de lei do deputado Jofran Frejat (PPB). O governo do Distrito Federal (GDF) quer batizar da mesma forma a terceira ponte do Lago Sul.

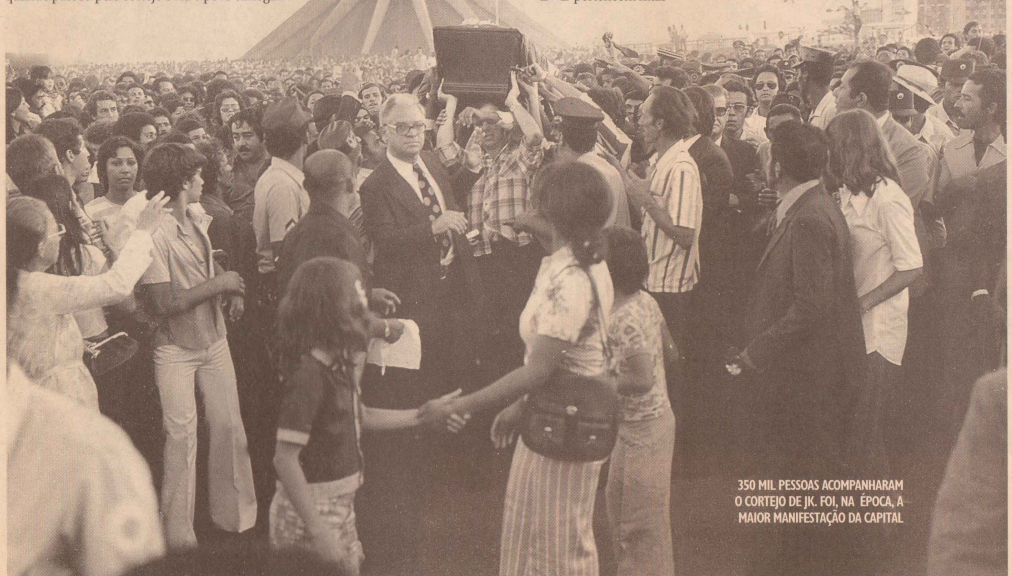


HOMENAGEM INFORMAL

Fora as firmas oficiais, estima-se que haja no Distrito Federal e Entorno mais de 50 empresas fantasmas (sem registro na Junta Comercial) que estampam o nome JK na fachada. São vendas e botecoquês que eternizam, ilegalmente, o nome do presidente.

OS CUSTOS E A META

Os custos para a construção de Brasília não estavam previstos no Plano de Metas de Juscelino Kubitschek. "Depois que as 30 metas estavam estruturadas, Brasília entrou como meta especial, meta-síntese", conta Ronaldo Costa Couto no livro *Brasília Kubitschek de Oliveira*.



350 MIL PESSOAS ACOMPANHARAM O CORTEJO DE JK. FOI NA ÉPOCA, A MAIOR MANIFESTAÇÃO DA CAPITAL

José Góes / Agosto de 1976

BRÁSÍLIA, QUARTA-FEIRA, 17 DE ABRIL DE 2002



O ESCRITOR HEITOR ANDRADE, 64 ANOS, SÓ ANDA DE ÔNIBUS: "NÃO TENHO CARTEIRA. ACREDITEI QUE EM BRÁSÍLIA CARROS SERIAM DESNECESSÁRIOS"

ELE E NÓS

Pioneiros que ajudaram a construir Brasília comparam a cidade de hoje com a dos tempos da inauguração e acham que ela perdeu alguns de seus sonhos



... dos tempos da inauguração e acham que ela perdeu alguns de seus sonhos

Olhar para trás

HOMEM DE LETRAS

Victor Alegria, português de nascimento que chegou a Brasília em 1960, foi o principal fornecedor de cultura para a cidade nos anos 60. Transformou-se no maior editor brasileiro de livros sobre a capital e incrementou as bibliotecas locais com raridades que importava.

CIDADE ESQUECIDA

Não existe um grande romance que tenha Brasília como cenário. "A literatura brasileira está de costas para a capital, que só é citada de forma anedótica", diz o professor da UnB e escritor Antonio Miranda.

O BANQUETE DO PIONEIRO

O cozinheiro Rosental Alves serviu JK por várias vezes quando foi responsável pela cozinha do Brasília Palace Hotel. "Gostava dos pratos mais clássicos, como filé com batatas", diz Rosental

Luiz Alberto Weber
Da equipe do *Correio*

Antes da aterrissagem, o piloto do Viscount da Companhia Aérea Real fez um sobrevôo panorâmico sobre a nova capital. Das janelas, enxergava-se um desenho no chão. Não era a imagem de um avião de concreto – como todos diziam. Assemelhava-se ao esqueleto de uma ave esparramado no solo seco do cerrado.

Brasília só ganhou vida depois de desenterrada pelos pioneiros. "O cenário era de total destruição", lembra a artista plástica Betty Bettiol, que desembarcou na cidade em 20 de abril de 1960, depois de alguns rasantés. "Só aos poucos a capital nasceu", diz ela, que trocou São Paulo "pelo pó".

EX-CHEFE DE COZINHA DO CASSINO DA URCA, ROSENTAL VEIO PARA BRÁSILIA EM 1959



Quatro décadas se passaram desde a inauguração e gente que tirou Brasília do ponto-morto faz aqui o traçado de volta e compara a cidade de ontem com a de hoje.

A cidade mudou, claro. No princípio, os telefones tinham quatro números. Carros, em 1961, eram só quatro mil (hoje passam de um milhão). Mas essas foram transformações externas naturais e esperadas. A maior mudança, segundo os pioneiros, ocorreu na mentalidade dos candangos.

Dono da maior coleção de livros sobre Brasília, o escritor e professor da Universidade de Brasília (UnB), Antonio Miranda, baiano de 61 anos, vasculhou três centenas de textos escritos por candangos no início dos anos 60 e extraiu deles os temas e palavras que mais se repetem.

O vocabulário da construção é recheado de utopia, liberdade, grandiosidade, encantamento, e futuro. "Os testemunhos da época contêm otimismo, deslumbramento e muito de aventura", diz Miranda. O advogado e pioneiro Pedro Mattoso, 41 anos de Brasília, coleciona cartões-postais que registram, nas mensagens, esse estado de espírito dos tempos da inauguração.

– *Estamos maravilhados com o que estamos vendo aqui.*

Esse texto foi redigido por um tal Augusto e enviado, em 25/04/1961, para Dino Bueno, morador da Alameda Boa Vista, em São Paulo. A foto que ilustrava a face do postal era do Congresso em construção. "De fato, esses são lugares-comuns daqueles primeiros anos", diz Mattoso. Fantasia também se misturava com realidade nas mensagens. Brasília era feita de sonho.

– *Cláudio, este cartão mostra para você um bairro de Brasília. Beijos, Kívia, 1959.*

O bairro a que se refere Kívia (supostamente uma vista aérea da 308 Sul) era tão-somente uma maquete.

Não existia. "Nesse caso havia certeza de que a capital seria daquela maneira exposta no cartão".

Hoje, as palavras que re-

sumem a cidade, segundo Miranda, autor do livro *Brasília, Capital da Utopia* e, também, colecionador de mensagens de cartões-postais, são outras: corrupção, invasão, engarrafamento.

A mudança de linguagem teria se refletido até na aparência da cidade. "Brasília perdeu sua beleza, sua criatividade, o belo deugar ao feio", diz o arquiteto Raimundo Roberto, que chegou à capital em 1959. Trabalhou como topógrafo e, embaldado pelo projeto de Oscar Niemeyer, acreditou que a arquitetura seria a mais importante expressão artística da capital.

Autor dos projetos da LRV e de vários prédios públicos (que seguem a linha de Niemeyer, como o Tribunal de Contas do DF), Roberto acha que a capital perdeu um de seus motores – o impulso criativo. "Ninguém mais se preocupa em perpetuar nas novas obras o espírito que guiou os primeiros construtores." O alvo do arquiteto são os hotéis e flats do Setor Hoteleiro.

Todos os dias, Heitor Andrade, 64 anos, exerce a sua utopia. Ele acreditou num sonho comum aos pioneiros de que em Brasília carros seriam desnecessários. Tudo estaria muito perto, nas entrequadras. Nunca tirou carteira de motorista e foi pego de surpresa pelo crescimento da cidade, que se espalhou pelos Lagos Sul e Norte, Cruzeiro, Sudoeste.

"Virei passageiro profissional de ônibus e metrô", diz Heitor, ex-livreiro que virou escritor. Para ele, os automóveis desorganizaram a cidade, destruíram Brasília. "Os carros exigem a construção de garagens, de estacionamentos públicos encravados no Plano, a cidade fica asfiziada", reclama ele, que mora na SQS 413 e hoje se sente ilhado no Plano.

Uma capital só merece de fato esse título – dizia o filósofo checo Vilém Flusser (que passou por Brasília nos anos 60) – quando nela batem a vida política, econômica e cultural. Antes disso, é um aglomerado de concreto, uma escultura.

Foram os pioneiros – e não o decreto de JK criando a nova capital – que colocaram Brasília no mapa do país. "Nos anos 60, montamos esse tripé", lembra Heitor, que morou dentro de uma livraria instalada no Hotel Nacional.

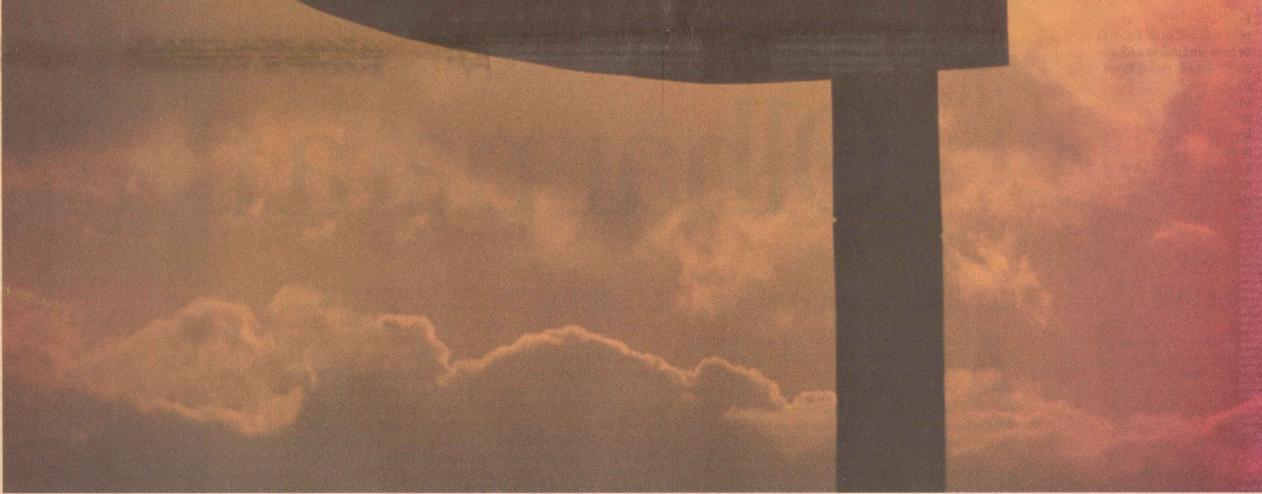
Mas o vocabulário do ano 2002 não é pessimista, na visão dos pioneiros que povoaaram o sonho de JK. "Os melhores tempos são os atuais", diz o professor Antonio Miranda, parafraseando a poetisa Cora Coralina. "A cidade mudou e tinha que ser assim. Ultrapassamos uma etapa e todo o discurso da construção não se justifica mais", acredita Pedro Mattoso.

ELE E NÓS

Idealizado por dona Sarah Kubitschek e projetado por Oscar Niemeyer, o Memorial JK quase foi riscado do mapa pelo governo militar. Hoje, recebe 80 mil visitantes por ano

Memória preservada





Nahima Maciel
Da equipe do *Correio*

Uma confusão provocada por boatos quase impediu a inauguração de o Memorial JK, em 12 de setembro de 1981. Semanas antes do monumento ser aberto ao público, os mais de 180 operários que trabalhavam na obra retiraram os tapumes de madeira que envolviam o pedestal em concreto à frente do prédio. Era um final de tarde com céu limpo. Então governador do Distrito Federal, Aimé Lamaison recebeu telefonema do coronel Affonso Heliodoro, ajudante de ordens de Juscelino durante mais de 15 anos. "Vamos ali fora ver que beleza, tiraram as madeiras!", comemorava. Foram os dois. Do jardim em frente ao Palácio do Buriti, avistaram a meia-concha em cima do enorme pedestal de 28 metros de altura. "Ficamos os dois olhando aquele perfil do monumento no pôr-do-sol", lembra Heliodoro.

No dia seguinte, a confusão estava armada: haviam (o coronel não sabe ao certo quem, mas acha que a intriga veio tanto dos militares quanto da oposição) decidido que a meia-concha lá do alto era a foice da bandeira comunista. Lamaison recebeu dezenas de telefonemas da alta-patente do governo querendo saber como um símbolo de extrema esquerda fora parar no alto do pedestal. Destruir era a ordem. Oscar Niemeyer, autor do projeto, negava tudo. E claro, poucos acreditavam – afinal, Niemeyer, esse sim, era comunista assumido.

Quando a estátua de Juscelino chegou à cidade para ocupar o centro da tal meia-concha, a coisa piorou. Moldada em bronze por Honório Peçanha, com quatro metros de altura e 1.500 quilos, a figura do ex-presidente foi impedida de subir ao pedestal. É que, diziam os boatos (e os militares), lá em cima o presidente seria o martelo que faltava à foice. E a estátua ficou pendurada enquanto generais e coronéis decidiam se botavam abaixo ou não a tal foice.

"Ficamos naquela coisa de sobre estátua, desce estátua. Vários dias. O Juscelino ficou pendurado, deitado, de todas as maneiras, sem poder subir a estátua", recorda Heliodoro. Irritado, o então presidente João Figueiredo bateu o martelo e ordenou que subissem a estátua. "A história era que o sol, quando batia, projetava uma sombra que parecia uma foie

ce e o Juscelino era o martelo dentro da foie. Uma babaquice", afirma Carlos Magalhães, na época diretor do escritório de Niemeyer no Rio de Janeiro.

O fato parece banal, mas quase impediu a abertura do espaço que abriga a história do mineiro visionário. São 5.000 m² preenchidos por fotografias, documentos, mapas, vídeos e objetos pessoais de Juscelino Kubitschek. O acervo da reserva técnica conta com 23 mil fotografias que estão sendo restauradas por técnicos do Arquivo Nacional. "Quero fazer uma exposição dessas fotos no final do ano, porque algumas delas nunca foram mostradas", adianta Ana Christina Kubitschek. Presidente do Memorial, a neta de JK informatizou o acervo do monumento no ano passado e recuperou momentos históricos, como o último discurso de Juscelino no Senado antes da cassação dos direitos políticos, em 1964. O texto agora pode ser ouvido pelos visitantes.

No ano passado, Ana Christina resolveu incrementar a estrutura do Memorial e deu início à reforma do prédio. Instalações elétricas e hidráulicas foram refeitas, arquivos foram informatizados e documentos restaurados pelo Arquivo Nacional.

Ana Christina também comemora o público, que hoje passa de 80 mil visitantes por ano. "São, na maioria, alunos de escolas públicas e privadas, porque temos convênios", explica Cirlene Ramos, diretora de eventos do Memorial. As visitas escolares são uma forma de levar adiante o projeto de dona Sarah.

PAINEL E VITRAIS

No salão negro do primeiro andar, uma câmara mortuária com painel de Athos Bulcão e vitrais de Mariane Peretti abriga os restos mortais do ex-presidente. Mais adiante, a história da caminhada para a construção de Brasília. De menino seresteiro em Diamantina à carreira de médico e político, todos os passos de Juscelino estão contados no primeiro andar do Memorial, administrado pela Sociedade Civil Memorial JK com verba de R\$ 69 mil mensais repassada pelo Governo do Distrito Federal.

No térreo, duas salas guardam preciosidades. Uma delas traz a biblioteca original de JK, a mesma montada no apartamento do Rio de Janeiro até 1981. "Foi construída exatamente como era no apar-

tamento. Os três mil volumes estão na mesma posição, os móveis também, o sofá. As estantes são as mesmas. Os livros, a gente fez um mapa, o marceneiro desmontou e, lá (no Memorial), colocamos na mesma posição", garante a arquiteta Maristela Lopes, filha do ex-presidente e uma das fundadoras do monumento. Ao lado da biblioteca está uma pintura de corpo inteiro de Juscelino fardado para a inauguração da capital. Quem assina é Cândido Portinari.

Grande parte do acervo foi retirado do Museu da República, no Rio de Janeiro. Fundado pelo próprio JK, no Palácio do Catete, logo após a transferência da capital para Brasília, o museu guardava objetos pessoais do ex-presidente. O resto dos documentos, medalhas e fotografias, Maristela recolheu no escritório do pai na Manchete, uma sala cedida por Adolfo Bloch ao amigo Juscelino que voltava do exílio. "Fotografias e documentação foram depois sendo enviadas por pessoas amigas. No mês passado, meu primo Sérgio Vasconcelos fez uma doação que é o desenho do estudo do quadro do Portinari", comemora Maristela.

Foi ela, juntamente com a irmã Márcia, a companheira de dona Sarah na criação do Memorial. A ideia surgiu alguns meses após a morte de JK. "Um dia, estávamos na fazenda e dona Sarah de repente falou: 'Vou fazer um memorial para o Juscelino', lembra Carlos Murilo, primo do ex-presidente. Dona Sarah saiu então em busca de um terreno. Queria comprar e mandar erguer a homenagem. "Pensamos em fazer ali perto da Ermida Dom Bosco. É um lugar afastado, calmo, não chama muita a atenção. Mas não conseguimos comprar o terreno. Dizem que o Golbery (do Couto e Silva) travou o negócio", continua Carlos Murilo. Quando Figueiredo ficou sabendo da dificuldade, mandou chamar dona Sarah e ofereceu a ela o terreno. "O Figueiredo, que já vinha influenciado pelo (ex-presidente Ernesto) Geisel para fazer a abertura, queria demonstrar de todas as maneiras que ele estava empenhado", avisa Heliodoro, que dirigiu o Memorial entre 1981 e 1994.

Afinal, era curioso que um governo militar celebrasse o mesmo personagem cujos direitos políticos havia cassado em 1964. Das cinco opções apresentadas pelo então presidente, dona Sarah preferiu o terreno ao lado da cruz onde foi rezada a primeira missa da capital. De lá, um dos pontos mais altos da cidade, a estátua do presidente ficaria de frente para Brasília e saudaria a capital que construía.

BRASÍLIA, QUARTA-FEIRA, 17 DE ABRIL DE 2002

ELE E NÓS

Apartamento de 550 m² no sexto andar de bloco na 208 Sul foi, por dois anos, a residência do ex-presidente, que discutia ali os rumos da política no Brasil

Palácio particular

ILUSTRES MORADAS

Anderson Schneider / 28.02.00



PALÁCIO DA ALVORADA

Juscelino morou no Palácio da Alvorada (foto) de abril de 1960 a janeiro de 1961. O palácio foi projetado entre 1956 e 1957, antes mesmo da escolha do plano urbanístico para a cidade. É obra de Oscar Niemeyer. Foi a primeira edificação definitiva na nova capital, concluída em 1958.

Ricardo Borba



FAZENDINHA JK

Impedido de voltar a Brasília pelos militares, os 30 alqueires de terra em Luziânia, a 65 quilômetros da capital, foram o local onde Juscelino passou os últimos dias. "A minha escala de grandezas se reduziu

Impedido de voltar a Brasília pelos militares, os 30 alcaides de terra em Luziânia, a 65 quilômetros da capital, foram o local onde Juscelino passou os últimos dias. "A minha escala de grandeza se reduziu. Em lugar de planejar a prosperidade do Brasil, planejei a construção de uma cocheira na fazenda", escreveu no seu diário. Morreu em 1976, aos 74 anos.



AS IRMÃS CAROLINA, 23, E ISABELA BRANDÃO, 17, MORAM NO APARTAMENTO 604 DO BLOCO A, BEM AO LADO DO IMÓVEL ONDE VIVEU JK. "É MONSTRUOSO. A GENTE SE PERDE LÁ DENTRO", DIZ ISABELA

Rovênia Amorim
Da equipe do Correio

Pora fora, mais um exemplo da arquitetura moderna que um dia tomaria conta das quadras residenciais da nova capital: seis andares sobre pilotis. Mas não demoraria muito para que a história começasse a acontecer naquele bloco. Homens de terno e gravata, com poder de interferir nos rumos da política do país, entravam e saíam pela portaria 2 e 3 do Bloco A da 208 Sul. O elevador parava no 6º andar. Na porta, Juscelino Kubitschek esperava os visitantes.

O apartamento 603 foi endereço de JK por quase três anos. Morou ali de 1962 a junho de 1964, quando teve o mandato de senador por Goiás cassado pelos militares. Nunca mais voltaria a morar em Brasília. O apar-

tamento da 208 Sul, no entanto, foi muito mais que a única residência particular de Juscelino na capital que construiu. Funcionou como sede de um governo paralelo para a trama política da época. Líderes do PSD (partido de JK e dono da maior bancada no Congresso) reuniam-se lá.

As conversas eram abastecidas de café, pão de queijo e sanduíche de presunto. Ali se costurou o apoio político para garantir a posse de João Goulart, depois da renúncia de Jânio Quadros, em 25 de agosto de 1962. Jango, vice de Jânio, era ligado aos movimentos sindicais e os militares se opunham a sua posse. Juscelino achava Jango um demagogo populista, mas defendia antes de tudo o cumprimento da Constituição. JK organizou ampla frente no Congresso para apoiá-lo e discursou no Senado em defesa da posse do vice-presidente, que só ocorreu depois da aprovação do regime parlamentarista.

Mesmo em casa, JK dava sempre tom formal aos encontros. O traje era terno e gravata. Amaral Peixoto, então presidente nacional do PSD, o deputado federal José Maria Alkimim, líder do PSD na Câmara, e os senadores Benedito Valadares e Pedro Ludovico eram assíduos frequentadores do apartamento.

O ex-presidente nunca cochilava. Por mais que as reuniões entrassem pela madrugada, JK tinha um truque. Dormia de 30 a 40 minutos antes do início das conversas, que ocorriam quase sempre no escritório, onde havia uma mesa retangular para 12 pessoas. Estantes com livros cobriam, de alto a baixo, as paredes.

Ler era um prazer para JK. Só o acervo do Memorial JK é composto de 3 mil livros que pertenciam ao ex-presidente. "Era de impressionar", conta Francinete Medeiros, 68 anos, moradora do primeiro andar do bloco A da SQS 208.

Ela mudou-se para o prédio em julho de 1961. Chegou antes de JK. O apartamento estava em reforma. Dois apartamentos de quatro quartos foram emendados e transformado num único, enorme. São 550 metros quadrados. Tão grande, que o acesso pode ser feito pelas duas entradas do prédio. Francinete não resistiu e foi lá dar uma espiada no apartamento, em obras.

A biblioteca ocupava toda a área onde antes era cozinha, área de serviço e dependência de empregada de um dos apartamentos. Dona Sarah fazia questão de belos arranjos de flores. Artificiais mesmo. Flores naturais eram difíceis naquela época, em Brasília.

A empresária Vera Brant, mineira de Diamantina e a amiga com quem o ex-presidente trocou correspondência, esteve no apartamento. Numa noite agradávelíssima, César Prates, seresteiro e amigo, levou o violão. JK podia então tirar os sapatos. "Ficava só de meias. Ele gostava de fazer risô", lembra Vera Brant.

Em 1964, as reuniões já não podiam mais entusiasmar

Juscelino. O fantasma do golpe militar (em 31 de março de 1964) estava cada vez mais próximo e JK sabia que a cassação do mandato podia estar perto. Foi o deputado federal Carlos Murilo, primo de primeiro grau de JK, quem levou a notícia para Juscelino.

Carlos Murilo foi até o apartamento da 208 Sul e aconselhou JK a preparar o discurso de despedida. Foi a última reunião. Era 6 de junho de 1964. No outro dia, o discurso foi feito. Em 8 de junho, Juscelino teve o mandato cassado. Já não estava mais em Brasília. Logo depois do discurso, foi para o aeroporto e embarcou para o Rio de Janeiro.

O porteiro Léo, do Bloco A da 208 Sul, não sabia que aquele era o dia do discurso e que também não voltaria a ver Juscelino. Léo é apelido que o baiano Argentinio Borges de Novaes, de 75 anos, ganhou ainda menino. Sempre de chapéu preto, de feltro, Léo fala com entusiasmo de Juscelino.

"Ah, falar comigo, ele nunca falou. Não tinha tempo. Já descia do carro apressado. Mas acenar, ele acenava. Já ficava satisfeito", conta ele, morador de Santo Antônio do Descoberto. Naquele dia não acenou como sempre fazia. De mãos dadas com Dona Sarah, atravessou a quadra. O carro dele, um JK cinza — modelo de luxo lançado pela Fábrica Nacional de Motores, em 1961 —, saiu da garagem externa do prédio para pegar o casal no Eixinho Leste.

O apartamento da 208 Sul ficou vazio por pouco tempo. Arnon de Mello, eleito em outubro de 1962 senador por Alagoas, foi o segundo morador. O porteiro Léo lembra do ex-presidente Fernando Collor, "rapagote", filho do senador, subindo com namoradas para o apartamento quando o pai e a mãe, Dona Leda, não estavam. "Era farista demais. Dava festa. Tinha muitos amigos", lembra Léo. "Para mim, ele sempre foi gente muito boa. Nunca imaginei que um dia seria o presidente."

Um dia, em 1975, o apartamento foi colocado à venda. O senador Arnon já havia comprado o imóvel da União. O empresário Ferdinando Mendonça, hoje com 72 anos, pediu empréstimo ao banco e comprou. "Arnon estava construindo a Casa da Dinda, queria vender e eu tinha família grande. Seis filhos", resume Ferdinando.

Até hoje, 38 anos depois, o apartamento onde Juscelino morou orgulha os vizinhos. As irmãs Carolina, 23, e Isabela Brandão, 17, moram no apartamento 604. Bem ao lado do imóvel onde um dia viveu JK. "É monstruoso. A gente se perde lá dentro", conta a psicóloga Carolina. "Aqueles corredores enormes me davam medo quando era pequena", lembra Isabela. O apartamento é o maior de Brasília (com exceção das coberturas). Vale de R\$ 800 a R\$ 1 milhão. O empresário garante que não tem interesse de vendê-lo. E garante que não é por causa da história do imóvel. "O apartamento não tem mais nada que lembre Juscelino", diz o empresário.



Neha Hamilton

O FUNDADOR
JUSCELINO KUBITSCHKE
19 DE NOVEMBRO DE 1930

HOMENAGEM A JUSCELINO
NO CATETINHO, O
PALÁCIO DE TÁBUAS

No Catetinho até 1958

Como toda obra de Niemeyer, o Catetinho nasceu de um rabisco. A diferença é que o esboço foi feito num guardanapo emprestado de um garçon. Era uma reunião no Hotel Embaixador, no Rio de Janeiro, em outubro de 1956, na qual dez amigos de Juscelino Kubitschek tiveram a ideia de presentear-lo com uma residência provisória onde ele, os amigos e a equipe pudessem pernoitar durante a construção da nova capital. O lugar escolhido ficava nas proximidades de uma nascente na Fazenda do Gama. Em apenas dez dias, de 22 a 31 de outubro, estava de pé o palácio. Com uma festa bem mineira, em 10 de novembro de 1956, Juscelino conferiu o presente dos amigos na inauguração do Palácio das Tábuas, quando ele assinou despacho que determinava o início das obras da construção de Brasília. Naquele dia, o almoço foi bem mineiro. Galinha ao molho pardo, frango com quiabo, tutu, couve e goiabada com queijo fiteira parte do cardápio. Por sugestão de Dilermando Reis (um dos artistas mais famosos do país na época e amigo de JK), o lugar foi rebatizado com o nome atual, em homenagem ao Palácio do Catete, no Rio de Janeiro. Juscelino morou lá até junho de 1958, quando ficou pronto o Palácio da Alvorada.

BRASÍLIA, QUARTA-FEIRA, 17 DE ABRIL DE 2002

ELE E NÓS

Filha de um projeto de sociedade, de convivência e entusiasmo, Brasília precisa hoje da força de cada um dos moradores para fazer valer – na construção cotidiana – os princípios de sua origem

A invenção da utopia

TT Catalão
Da equipe do Correio

Ele repetia uma história colhida em um das suas inúmeras incursões noturnas pelos canteiros de obras: ao perguntar a um candango o que fazia, recebeu como resposta "estou assentado tijolos". Escolhe outros e faz a mesma pergunta. Recebe sempre como resposta a atividade imediata que o trabalhador está cumprindo: "viro a massa", "aparo madeira para encher de concreto" etc. Até que JK encontra um, de origem espanhola, que lhe diz: "Presidente, construo uma catedral..." JK fica co-

movido e passa a contar o encontro como símbolo da atitude necessária para se trilhar utopias.

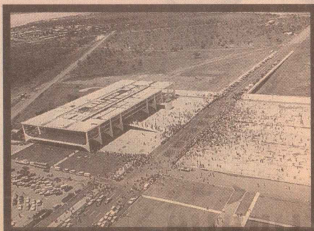
Óbvio que o país não correspondeu ao projeto de sociedade onde Brasília seria módulo: convivência, fraternidade, entusiasmo, lisura, senso comunitário de serviço, rendas e terras distribuídas, cultura plural, segurança longe da barbárie a que chegamos, desenvolvimento consciente aliado ao humanismo e ao meio ambiente, enfim... seria um Brasil diferente para cumprir as luzes iluministas da meta-síntese de JK. Ficou o projeto e uma lembrança permanente do quanto nos desviamos e do quanto temos ainda que construir e reconstruir (pasmem, a cidade não esperava o vandalismo instala-

do nos anos seguintes ao 21 de abril de 1960).

De JK, mais que a sua escultura – em saudação de alegoria de samba-enredo – fica a perenidade de um sorriso a nos dizer que a cidade foi construída em maquete, monumento e projeto urbano, mas precisa ser continuada naqueles que a assumem em suas vidas. Experimentar a presença de JK em cada pedaço vivo de uma idéia eterna.

A construção cotidiana de Brasília, pelos brasilienses natos ou importados, que tenham a dimensão histórica de uma cidade polarizadora das contradições brasileiras. Mas viva, muito viva. Em nós. Por ele. Para sempre.


▶ PALAVRA DE JUSCELINO (FRASES RETIRADAS DO LIVRO *POR QUE CONSTRUÍ BRASÍLIA*)



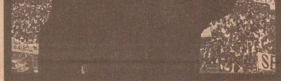
"AS LÁGRIMAS SÓ ME VENCERAM DURANTE A MISSA CAMPAL NA PRAÇA DOS TRÊS PODERES"



"VIVI, NAQUELE 21 DE ABRIL, AS MAIORES EMOÇÕES DE MINHA VIDA...A JORNADA FORA ÁSPERA E INCRUENTA."



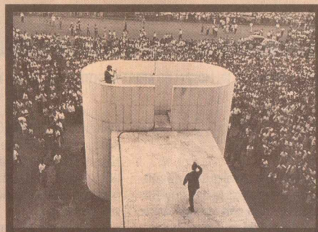
"AS LÁGRIMAS SÓ ME VENCERAM DURANTE A MISSA
CAMPAL NA PRAÇA DOS TRÊS PODERES."



"VIVI, NAQUELE 21 DE ABRIL, AS MAIORES EMOÇÕES DE
MINHA VIDA...A JORNADA FORA ÁSPERA E INCRUENTA."



"DIRIGINDO A PALAVRA AOS MEUS MINISTROS, DISSE-LHES QUE NÃO RECORDARIA,
NAQUELE MOMENTO, O MUNDO DE OBSTÁCULOS QUE HAVIAM PARECIDO INSUPERÁVEIS."



"O POVO, EM DELÍRIO, ACLAMAVA OS PIONEIROS,
AQUELES BANDEIRANTES DO SÉCULO XX..."

"EU TINHA A CONSCIÊNCIA DE
QUE HAVIA CUMPRIDO O MEU
DEVER, E ISSO ME BASTAVA."



EDIÇÃO: CARLOS MARCELO. REPORTAGEM: CONCEIÇÃO FREITAS, FREDDY CHARLSON, LUIZ ALBERTO WEBER, NAHIMA MACIEL, ROVÊNIA AMORIM E TT CATALÃO. EDIÇÃO DE ARTE: FÁBIO SALES. EDIÇÃO DE FOTOGRAFIA: CLÁUDIO VERSIANI E LUÍS TAJES